

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos¹
Orientador: Me. Mário Igor Shimura²

Resumo: Este artigo trata da chegada do pentecostalismo em uma comunidade cigana sedentária estabelecida a vinte e cinco anos na cidade de Itapevi, SP. Ele percorrerá a trajetória estigmatizada dos ciganos no mundo e no Brasil bem como a história do pentecostalismo que alcança os povos ciganos na Europa em meados do Século XX, chegando também no Brasil. O objetivo desta pesquisa é perceber através de alteridade o efeito identitário do pentecostalismo para com a ciganidade do Grupo *Calon* de Itapevi. Para isso será apresentada uma breve história do grupo e da sua ciganidade antes e depois do pentecostalismo. O contato com o grupo se deu através do meu interesse em ajudá-los com o trabalho com as crianças da igreja que fica dentro do acampamento. Isso gerou um relacionamento aberto com as pessoas da comunidade, muitas conversas espontâneas e histórias de vida através das quais constatei que o pentecostalismo foi um fator externo que assimilado por grande parte do grupo trouxe melhorias na vida da comunidade, está cooperando na reconstrução de certas práticas e valores da identidade e consequentemente causando uma melhor aceitação na sociedade envolvente.

Palavras-Chave: Pentecostalismo; Ciganidade; Estigma.

Abstract: This article deals with the arrival of pentecostalism in a sedentary gypsy community established for twenty-five years in the city of Itapevi, SP. It will travel through the gypsy's stigmatized path in the world and in Brazil as well as the history of pentecostalism that reaches the gypsy people in Europe in mid-20th century arriving also in Brazil. The objective of this research is to realize through otherness the identity effect of pentecostalism to the gypsiness of the *Calon* group from Itapevi. For that it will be presented a brief history of the group and its gypsiness before and after the pentecostalism. The contact with the group was made through my interest in helping them with the work with the children in the church that is inside the camp. This has generated an open relationship with the people in the community, lots of spontaneous conversations and life histories through which I have noticed that pentecostalism is an external factor that assimilated by a big part of the group is bringing improvement in the community's living, it is cooperating in the re-build of certain practices and values of the identity and therefore causing a better acceptance by the involving society.

Key Words: Pentecostalism; Gypsiness; Stigma.

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento de um movimento religioso ocorrido na Comunidade Cigana *Calon* de Itapevi trouxe-me um despertar para a faceta religiosa do povo cigano que pode ser observada no Brasil e no mundo: o pentecostalismo.

¹ Graduação em Teologia (UNICESUMAR). E-mail: maragarsan@gmail.com.

² Graduação em Teologia (FTSA). Especialização em Antropologia Cultural (PUC/PR). Mestrado em Ciências Sociais (UEM). E-mail: amigorshi@yahoo.com.br.

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

Esse movimento tem trazido uma cara nova à identidade cigana de vários grupos espalhados pelo mundo e creio ser um tema digno para pesquisas mais aprofundadas, pois segundo Shimura (2014), pouquíssimo se encontra escrito sobre esse ou qualquer assunto cigano a partir da antropologia.

A história do povo cigano vem sendo conhecida através de relatos sempre feitos pelo “outro”, o que trouxe uma informação sempre estigmatizada. Suas características exóticas somadas à itinerância, sempre causavam estranhamento onde quer que chegassem, o que acarretou uma história repleta de sofrimento por rejeição, pobreza e discriminação conforme relatarei em sua história.

Em Laraia (2001), são encontrados dois conceitos que observaremos nesse artigo. Um é “etnocentrismo”, fator atuante na construção do estigma que desencadeou enormes ações discriminatórias para com o povo cigano. O outro diz respeito à atualização histórica que tem acontecido nos últimos anos de forma rápida e visível a partir do momento em que a Comunidade Cigana de Itapevi se tornou sedentária. É nesse contexto que surge o pentecostalismo como mais um fator externo.

Analisarei a realidade identitária da Comunidade Cigana *Calon* de Itapevi antes e depois do movimento religioso pentecostal que ocorreu e permanece em seu meio, visando perceber os efeitos causados quanto à ciganidade, tanto internamente, na vivência do grupo, quanto externamente, na sociedade envolvente.

O termo que uso, “ciganidade” é definido por Shimura (2017) “como a qualidade, modo de ser ou ‘estado’ cigano, o que nos permite explorar o seu sentido antropológico, isto é, a identidade e ‘cultura cigana’”.

Nessa pesquisa, duas fontes causadoras de estigma, tanto popular como da parte da própria antropologia, se fundem: o ser cigano e o ser pentecostal. Um maior conhecimento sobre o pentecostalismo, sua expansão e influência no mundo, bem como um olhar com a lente da alteridade do cigano *Calon*, devem cooperar para um real entendimento e respeito por parte dos que os veem.

As crenças dos homens são tão diversas quanto eles próprios o são — uma proposição que mantém a mesma força quando invertida. É justamente essa particularidade do impacto dos sistemas religiosos sobre os sistemas sociais (e sobre os sistemas de personalidade) que torna possível uma avaliação geral do valor da religião em termos tanto morais como funcionais. (GEERTZ, 2008, p. 91).

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

Penso que o estudo sobre o impacto do pentecostalismo no sistema social dos ciganos de Itapevi, poderá revelar o seu valor em termos morais e funcionais para a comunidade. Na primeira frase da citação, vemos ilustrada a diversidade cigana tanto cultural como religiosa, fazendo lembrada a importância de se manter a identidade ao mesmo tempo em que se adota uma nova crença.

Conheci a história da conversão ao pentecostalismo do grupo pesquisado há exato um ano atrás. Sendo evangélica e sabendo que tinham uma igreja na comunidade, logo tive a ideia de ajudar com material infantil.

Nesse ano tive a oportunidade de visitá-los e entregar algum material, porém vi que não eram ideais para a necessidade deles. Como vi muitas crianças por ali, procurei saber o que já faziam e que materiais usavam, mas constatei que ainda não faziam nada, não tinham material e nem treinamento, mas estavam terminando uma sala atrás da igreja para começar.

Nesse primeiro contato, comecei um bom relacionamento com a esposa do líder e passamos a nos comunicar. Enviei materiais infantis apropriados para eles e fiquei de marcar uma ida para dar treinamento aos futuros professores de crianças. Foi aí que surgiu a necessidade de um artigo como trabalho de conclusão de curso e escolhi este tema que já havia despertado meu interesse.

Sobre inserção, esse texto me chamou atenção:

Inserção. Um problema que aflige quase todos os pesquisadores - pelo menos todos aqueles que tentam estudar, por qualquer método, organizações grupos e comunidades do mundo real - é se inserir: conseguir permissão para estudar aquilo que se quer estudar, ter acesso às pessoas que se quer observar, entrevistar ou entregar questionários. (BECKER, 1993, p. 34).

Dada à experiência negativa de Ferrari (2010), eu, como mulher em comunidade cigana numa primeira experiência, tratei de me informar como deveria me comportar lá, que roupas vestir, etc. Seguindo as orientações recebidas, consegui as informações para o tema desse artigo de forma natural e espontânea.

Marquei o treinamento de professores e nesse período também realizei a pesquisa, tendo ambos objetivos ficado claros para eles ao combinarmos a visita. Fui com uma amiga e chegamos lá num domingo pela manhã e ficando até quarta-

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

feira pela manhã. Dormimos na casa do líder e fizemos todas as refeições com o casal e as famílias dos dois filhos que moram um de cada lado.

Nesses dias, de domingo a quarta-feira, aproveitei todas as oportunidades: nas refeições, nos fins de tarde, depois do culto, antes de dormir, na rua, etc. Sempre que eu estava com alguém, fazia perguntas informais sobre aquilo que eu precisava saber sobre o ser cigano e o ser pentecostal deles.

Algumas vezes partiu das próprias pessoas uma conversa que se tornou interessante quanto ao conteúdo. Eles me deram as informações de boa vontade sabendo que eu escreveria um artigo sobre sua identidade cigana e sobre a conversão deles ao pentecostalismo. Todas as conversas foram gravadas, tendo as pessoas sido comunicadas.

Algumas informações eu havia obtido antes, em conversas telefônicas. Cabe aqui falar que meu envolvimento com grupos minoritários, povos tradicionais, já vem de quatro anos atrás, tendo estado por quatro períodos no estado do Amazonas sempre coletando material, pois estou escrevendo livros sobre tema semelhante ao que escolhi para esse artigo. Por isso essa aproximação do acampamento anterior ao trabalho.

Tendo essa pesquisa uma abordagem qualitativa, escolhi métodos que se adaptassem ao contexto tanto no sentido de evitar problemas de acesso ao grupo, quanto não causar desconforto às pessoas, podendo assim obter com naturalidade as informações sem fazer delas somente um objeto de pesquisa.

Em grande parte usei entrevistas informais (não estruturadas), observação participante e histórias de vida. Quanto às fotos e filmagens me restringi apenas aos eventos ocorridos na igreja durante aqueles dias. Também consultei e li muitas teses, artigos científicos, livros, revistas, sites, etc.

Nesse grupo cigano analisado, a população média gira em torno de 80 pessoas, 20 famílias, sendo o grupo selecionado para as informações de quatro homens adultos que ocupam posição de liderança no acampamento e na igreja, sendo três destes entre 31 e 34 anos e um, o líder do acampamento, 61 anos. Conversei muito com a esposa do líder (49 anos) e outras três esposas (24-30 anos) em momentos diferentes, sendo uma “não convertida”. Conversei também com seis

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

moradores próximos, vizinhos do acampamento que já moravam ali antes deles chegarem.

O fato de eu ser cristã evangélica também facilitou muito essa abertura, porém tive que tomar cuidado ao escrever como antropóloga. Pretendi uma neutralidade, porém mantendo aquilo que no meu entendimento, como “próxima”, traria uma melhor interpretação dos fatos. (LAPLANTINE, 2003).

Primeiramente pesquisei a história do povo cigano desde sua origem e em seguida a história do pentecostalismo e de como chegou aos ciganos. Então abordo “pentecostalismo & ciganidade” apresentando a Comunidade Cigana *Calon* de Itapevi e, através da alteridade, os efeitos do pentecostalismo ocorridos em seu meio.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 HISTÓRIA DO POVO CIGANO

“Adivinhos, feiticeiros, domadores de ursos e encantadores de cobras”, assim foram descritos os possíveis então ciganos em relatos encontrados em Constantinopla, hoje Istambul, na Turquia. O primeiro relato foi no ano de 1050 d.C. e por mais duas vezes, nos Séculos XII e depois XIII, sendo que nesse último, o patriarca de Constantinopla adverte o clero “e solicita não permitir a entrada destes Adingánous nas casas, ‘porque eles ensinam coisas diabólicas” (FRASER, 1992 apud MOONEN, 2011, p.9).

A partir dessa época, esses “misteriosos e exóticos imigrantes”, foram encontrados em vários países europeus. Não tinham um nome pelo qual se apresentavam; esses nomes foram-lhes dados pelos “de fora”, embora hoje assumam esse título com toda a força do pertencimento que hoje lhes traz. (SOUZA, 2013 apud SHIMURA, 2017, p.19). Moonen (2011) declara que “a origem dos ciganos sempre foi um verdadeiro mistério, e por isso existem, ainda hoje, as mais diversas lendas e fantasias”:

No início do Século 15 estes “ciganos” migraram também para a Europa Ocidental, onde quase sempre afirmavam que sua terra de origem era o “Pequeno Egito”. Hoje sabemos que esta era então a denominação de uma

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

região da Grécia, mas que pelos europeus da época foi confundida com o Egito, na África.³ (Ibid., p. 09).

Foi só em 1753, que um jovem percebeu semelhanças da língua dos amigos indianos que estudavam com ele com a dos ciganos do seu país, a Hungria. Depois de praticamente trinta anos essa teoria foi confirmada e propagada, e:

Desde então, a origem indiana nunca mais foi colocada em dúvida e linguistas posteriores apenas têm acrescentado mais dados comprobatórios, restando hoje apenas dúvidas sobre em que época ou épocas, e em que parte ou partes da Índia estas línguas eram faladas, admitindo-se em geral que tenha sido a região noroeste da então Índia (atual Paquistão), por volta do ano 1000 da era cristã. (Ibid., p. 11).

Há ciganos espalhados pelo mundo inteiro e, embora possam ser todos chamados “ciganos” devido às várias semelhanças, há também várias diferenças entre os diversos grupos. No Ocidente eles mesmos se autodenominam como: *Sinti*, *Rom* e *Calon*⁴, que são os maiores grupos, vivenciando assim o seu “ser cigano” único, a partir de sua alteridade. Segundo Moonen, “de todos os ciganos, os *Rom* são os mais estudados e descritos”.

Este “rom-centrismo”, dos próprios ciganos e dos ciganólogos, faz Acton falar até de “romólogos” que, em lugar de analisarem as diferenças entre os grupos ciganos, apresentam um modelo ideal como se os ciganos formassem uma totalidade homogênea. (Ibid., p. 14).

Certas generalizações por parte dos que estudam o povo cigano, impedem uma maior visão da diversidade que esses povos representam. Esse trabalho trará informações sobre um grupo cigano *Calon* que poderão ser úteis para futuros estudos e conhecimentos até então bem limitados.

(...) não existem ciganos autênticos e ciganos espúrios: os *Rom*, *Sinti* e *Calon* possuem inúmeras autodenominações, falam centenas de línguas ou dialetos, têm os mais variados costumes e valores culturais, são diferentes uns dos outros, mas nem por isso são superiores ou inferiores uns aos outros. (Ibid., p. 21).

³ Por causa desta suposta origem egípcia passaram a ser chamados “egípcios” ou “egitanos”, ou *gypsy* (inglês), *egyptier* (holandês antigo), *gitan* (francês), *gitano* (espanhol), etc. Mas sabemos que alguns grupos se apresentaram também como *gregos* e *atsinganos*, pelo que também ficaram conhecidos como *grecianos* (espanhol antigo), *tsiganes* (francês), *ciganos* (português), *zíngaros* (italiano). (MOONEN, 2011, p. 10).

⁴ Há variação na grafia dos termos.

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

Relatos a partir do Século XV trazem informações sobre as dificuldades que esses vários grupos “ciganos” passaram e também causaram na sua chegada e permanência na Europa. Repetidamente as referências são negativas, mesmo porque sempre vieram daqueles que estando em seus locais, recebiam os “viajantes exóticos, indivíduos com uma pele escura ou ‘preta’ e, segundo muitos cronistas, com uma ‘aparência horrível’ e com alguns hábitos nada agradáveis”. Já da parte deles, nenhum relato foi e ainda hoje é encontrado. De acordo com Moonen, por não serem estudados e usarem de língua ágrafa, a oralidade é o único meio de se obter informações sobre eles a partir deles.

Na Alemanha, há vários relatos como esse: “(...) duas semanas estiveram na cidade ‘os Tártaros, chamados ciganos’, gente preta, horrível, tanto os homens quanto as mulheres, com muitas crianças, que foram expulsos de seu país e desde então vagavam pela terra”. Um frade, cronista Alemão, relata:

(...) que veio do Leste um ‘grande número’ de indivíduos errantes (cerca de 300), antes nunca vistos. (...) estes indivíduos estranhos viajavam em bandos e pernoitavam fora das cidades, ao ar livre; eram feios, pretos como os Tártaros e se chamavam Secani. Eram liderados por um conde ou um duque, aos quais obedeciam; eram grandes ladrões, em especial as mulheres, e vários deles foram presos e mortos. (Ibid., p. 24).

Assim também chegaram à Holanda, na Bélgica e na França, esses que “previam o futuro lendo a mão, mas ao mesmo tempo furtavam o dinheiro dos bolsos dos clientes”. Segundo Fraser, “Na Dinamarca, a perseguição aos ciganos inicia a partir de 1554: é proibido hospedar ciganos e quem matá-los pode ficar com suas propriedades”. (FRASER, 1992 apud MOONEN, 2011, p. 26).

Para receberem alimento e hospedagem, por vezes se colocavam como peregrinos, pois “a caridade cristã praticamente obrigava a todos hospedar, ou no mínimo dar assistência alimentar e financeira a estes peregrinos e penitentes”.

Outras estórias, por sinal, também falam da participação dos ciganos na crucificação de Jesus, seja como fabricantes dos pregos usados na crucificação, seja como ladrões do quarto prego (os pés tiveram que ser pregados com um prego só). (...) Nenhum deles fabricou pregos e nenhum deles roubou um prego sequer. Simples: naqueles tempos ainda não existiam ciganos na “Terra Santa”, porque estes resolveram sair da Índia somente uns mil anos depois. (Ibid., p. 28).

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

Vemos na história, mesmo que eles próprios a desconheçam, a construção do estigma que carregam hoje e que é gerador de muito sofrimento pela discriminação desencadeada:

Estabelecidos os estereótipos, os ciganos sofreram todo tipo de barbárie, sendo vistos como uma “raça degenerada”. Na Moldávia e Transilvânia foram escravizados, forçados ao trabalho pesado, negociados como mercadoria entre senhores feudais e extirpados de toda forma de propriedade dentre outras formas de perseguição, inclusive assassinados. (FRASER apud SHIMURA, 2017, p. 21).

Inclusive Moonen lamenta que praticamente nada do que foi escrito sobre eles trata sobre a “língua que falavam”, sobre sua “religião”, sobre sua “cultura e valores culturais”, sobre sua “organização social” e “econômica”, sobre a “educação dos seus filhos” e sobre “outros tantos assuntos mais”, entretanto trata enfaticamente sobre o exótico que eles eram e a repulsa que causavam.

A tolerância inicial aos poucos se transformou em aversão, e finalmente em ódio. Esta mudança de atitude ocorreu, com maior ou menor intensidade, em todos os países europeus, embora em épocas diferentes, inclusive variando de acordo com a data da entrada inicial dos ciganos e o seu comportamento em cada país. (MOONEN, 2011, p. 38).

Da mesma forma aconteceu quando chegaram à Espanha no começo do Século XV. Vieram da França e foram muito bem recebidos, porém não demorou muito para a perseguição começar. O governo espanhol fez leis que obrigavam os ciganos a arrumarem uma profissão ou um patrão e que proibiam que andassem ou viajassem juntos, que usassem suas roupas típicas e que falassem a sua própria língua.

Quanto às punições, algumas delas foram: “até dezoito anos de galés para os ciganos a partir de 14 anos de idade (dificilmente alguém sobreviveria a dezoito anos de galés); em caso de reincidência: pena de morte para os nômades e as galés⁵ para os sedentários”, além de encarceramento, açoites e banimento.

Em Portugal chegaram ao final do Século XV e logo também os portugueses se sentiram lesados pelo mau comportamento dos ciganos. Fizeram várias leis e

⁵ Galé: Embarcação comprida e estreita, dotada de velas, mas basicamente movida a grandes remos (de 15 a 30 por bordo), us. da Antiguidade grega até o séc. XVIII. [Dim.: *galeota*]. Galés: 1. Antq. A pena dos condenados a remar em galés. 2. Antq. O conjunto dos trabalhos forçados executados por esses condenados. 3. P.ext. Trabalhos forçados em que os condenados são acorrentados pelos pés.

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

medidas de punições, entre elas: prisões, açoites, galés, além das proibições de entrada no país. Não conseguiram resultados e expulsão era praticamente impossível, pois eles jamais iriam para a Espanha, o único país de fronteira:

Daí talvez porque em 1649 seria ordenada a deportação dos ciganos para as colônias ultramarinas. Num alvará daquele ano, o Rei reconhece o fracasso das leis anteriores, pelo que manda prender os ciganos e deportá-los para as colônias: *“Eu El Rey (...) por se ter entendido o grande prejuizo e inquietação que se padece no Reino com huma gente vagamunda que cõ o nome de siganos andam em quadrilhas vivendo de roubos enganos e imbustes contra o serviço de Deus e meu”*. (Ibid., p. 52).

Chegaram ao Brasil colônia com essa referência e não demorou muito para a história se repetir⁶. Teixeira (2008) cita documentos enviados de Portugal junto com os ciganos deportados que orientavam a proibição do uso da língua deles para que se tornasse extinta e Cassi (2014) relata que:

Marcados pelo estigma da criminalidade, os ciganos sofreram preconceitos na sociedade por serem considerados trapaceiros, ladrões, mentirosos, criminosos, vadios e sujos. Estes estereótipos desvalorizavam o grupo e reforçavam o processo de exclusão da sociedade, que acreditava que o cigano era sempre “o elemento suspeito”. (Ibid, p. 11).

Sobre a questão do estigma, Goffman (1988) reflete: “Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que se pode impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus”.

Teixeira (2008) destaca que “a documentação se detém pouco sobre os ciganos singulares, que se tornam desprovidos de existência. Quase sempre incidem sobre ‘o cigano’, entidade coletiva e abstrata à qual se atribuem as características estereotipadas”.

Como consta em documento holandês sobre um ocorrido na cidade de Zwolle segundo Moonen (2011), “(...) os ciganos eram presos apenas pelo fato de serem ciganos, mesmo se fossem renomados médicos ou veterinários”. No decorrer da história, políticas anticiganas têm sido aplicadas também aqui no Brasil, como ouvi nesse relato:

⁶ Detalhes sobre as perseguições e atitudes contra os ciganos na Europa e no Brasil podem ser encontrados em Moonen, 2011, Teixeira, 2008, Cassi, 2014.

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

Me parece que a uns tempos desses, alguns anos atrás aí, as ciganas deles lá de 18, 19 anos que engravidavam e iam para o hospital para ter esse neném, o médico laqueava elas sem elas saber, dizendo que tinha que eliminá, acabar com a raça. (S. 49 anos).

Achei importante relatar a história destacando as características dos ciganos, bem como suas sofridas consequências, para assim haver um melhor entendimento sobre a ciganidade – identidade cigana.

Por não abrirem mão de suas características ao chegarem a lugares novos e ali permanecerem mesmo em meio a tamanhos conflitos e sofrimento, esse povo tem em sua autenticidade sua identidade preservada de geração em geração.

Parece também possível que um indivíduo não consiga viver de acordo com o que foi efetivamente exigido dele e, ainda assim, permanecer relativamente indiferente ao seu fracasso; isolado por sua alienação, protegido por crenças de identidade próprias, ele sente que é um ser humano completamente normal e que nós é que não somos suficientemente humanos. Ele carrega um estigma, mas não parece impressionado ou arrependido por fazê-lo. Essa possibilidade é celebrada em lendas exemplares sobre os menonitas, os ciganos, os canalhas impunes e os judeus muito ortodoxos. (GOFFMAN, 1988, p. 9).

Chamo atenção também para o fato já falado anteriormente, de que todos os relatos foram feitos pelos de “fora” e carregados de sua própria cosmologia, não dando qualquer espaço para um maior entendimento sobre a cosmologia do cigano.

Isso se dá até hoje, pois em geral, o indivíduo bem como sua sociedade são etnocêntricos, não conseguindo ter o olhar para o “outro” com o entendimento necessário que gere respeito.

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. (LARAIA, 2001, p. 37).

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

2.2 HISTÓRIA DO PENTECOSTALISMO E COMO CHEGOU AOS CIGANOS

Abordarei agora um movimento que teve início em meados do século XX e que hoje revela-se um fator relevante da mudança notória de uma boa parte desse povo que, mesmo em meio ao sofrimento, perseverou na sua forma de ser, permanecendo até hoje conhecido como “um povo dentro de outros povos”.

O povo cigano tem a força de não diluir-se tornando-se um igual, pois como será percebido na comunidade cigana de Itapevi, ele possui princípios dos quais não abre mão, que podem trazer aprendizado a quem se interessar por manter valores que realmente acredita. É um povo que traz traços fortes de identidade, o que pouco se vê hoje em dia.

Quando, porém valores absolutos se tornam praticáveis⁷ e resultam em uma harmonia antes não experimentada no que diz respeito ao relacionamento com o “outro”, seja indivíduo ou comunidade ampla, é percebida uma perspectiva de que toda cultura traz em si traços, que podem ser chamados “pecaminosos”.

Os ciganos apareceram na Europa Ocidental somente a partir do início do Século 15. Os documentos históricos deixam claro que muitos destes ciganos aparentemente tinham uma conduta pouco compatível com os valores culturais europeus da época, pelo que, já no Século 15, começaram a ser formados os primeiros estereótipos, segundo os quais os ciganos: 1) eram nômades, que nunca paravam muito tempo num mesmo lugar; 2) eram parasitas, que viviam mendigando ou aproveitando-se da credulidade do povo; 3) eram avessos ao trabalho regular; 4) eram desonestos e ladrões; 5) eram pagãos que não acreditavam em Deus e também não tinham religião própria. (MOONEN, 2011, p. 129).

Vários grupos ciganos espalhados pelo mundo que têm experimentado essa transformação através do pentecostalismo têm abandonado alguns aspectos da sua “ciganidade” que eram fatores causadores do estigma e, conseqüentemente, da discriminação.

⁷ Referência ao conteúdo bíblico não negociado no advento religioso “pentecostalismo”. As “conversões” que o seguiram, fizeram nascer naqueles que a experimentam, o desejo de seguir as orientações bíblicas.

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

Segundo Cantón Delgado (2001), isso acontece porque “O convertido pentecostal é essencialmente um praticante de sua nova religião e leva os princípios de sua ‘regeneração moral’ a todas as áreas da vida cotidiana”. (Tradução nossa).

Na verdade, a conduta dos ciganos, de modo geral, como acabamos de ver com Moonen, causava incômodo e insegurança, gerando então os conflitos. O que não se esperava é que a condição de vida deles ficaria pior com a grande transformação que estava para acontecer na segunda metade do Século XX: a Modernidade. Em Portugal e na Espanha, a então chamada Península Ibérica,

O êxodo rural e a desertificação do interior do país, onde se encontram maioritariamente, empurram-nos para as grandes cidades, atrás da sua clientela, o que lhes coloca graves problemas: a concorrência económica, o mau conhecimento do meio, a falta de oportunidade para iletrados, o encarecimento e a falta de alojamento, que os obriga a instalar-se nos subúrbios, em péssimas condições de salubridade. (SANTOS, 2001, p. 3; LLERA BLANES, 2007, par. 4).

O impacto foi grande, pois indo para as áreas suburbanas, o contato com os não ciganos foi inevitável. A televisão transmitindo novos conceitos e as dificuldades enormes para sobreviverem, levaram as novas gerações a questionarem a “forma de ser cigano”.

Estas mudanças são particularmente difíceis para os homens. A frustração é grande: o seu prestígio e autoridade estão ameaçados. “O conjunto das tradições e dos valores que sustentava o seu sentimento de identidade e o seu amor próprio desintegram, sem que outros valores, que por sua vez ofereceriam referência, venham substituí-los”. As reacções a esta situação são variadas. Muitos refugiam-se no álcool ou na droga. Além disso, para aumentar os escassos rendimentos, grande número de ciganos lançou-se no tráfico de droga. (SANTOS, 2001, p.3).

É exatamente nesse momento histórico que ganha espaço o movimento religioso pentecostal entre os ciganos na Europa. Começou em meados do Século XX na França, quando o pastor de uma Igreja Assembleia de Deus em Brest, Clément Le Cossec, entendeu que deveria dedicar sua vida à evangelização de ciganos, sendo ele um não cigano. Logo havia um grande número de convertidos e subsequentemente o treinamento destes para que evangelizassem outros.

Em 1965, sete desses ciganos convertidos chegaram à Espanha e em meados dos anos 70 o movimento chega a Portugal através dos espanhóis. Hoje, a Igreja Filadélfia, pois assim é chamada a igreja que nasceu desse movimento,

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

crece nesses lugares de uma forma muito rápida e comunidades inteiras ciganas e não ciganos têm sentido seu efeito positivo. (LLERA BLANES, 2007, par. 7; CANTÓN DELGADO, 2001, pp. 3-6).

Esse movimento pentecostal surgiu nos Estados Unidos e dali para o mundo. Até então, da raiz do protestantismo, havia as igrejas históricas ou tradicionais. Gromacki (1980) falando sobre os primeiros acontecimentos e pessoas que fizeram nascer o movimento pentecostal, destaca a “famosa Missão da rua Azuza” em Los Angeles, Califórnia, através da qual “o ensino dos pentecostais se espalhou rapidamente através da terra”. No início, “as assembleias pentecostais” eram isoladas, até que sentiram a necessidade de se associarem. Nesse processo surgiram cerca de doze denominações pentecostais:

O desenvolvimento das congregações pentecostais levou-as para a convenção em Hot Springs, Estado do Arkansas, de 02 a 12 de abril de 1914. Isso, então, levou para a formação das Assembleias de Deus, o maior dos grupos pentecostais. Seu crescimento tem sido marcado por Kendrick⁸:

ANO	IGREJAS	MEMBROS
1920	1.612	91.981
1939	3.496	184.022
1949	5.950	275.000
1959	8.094	505.552
1967	8.409	543.003

Foi um movimento de fato rápido e expansionista, comparando com o crescimento das até então, igrejas protestantes históricas. Em pouco tempo “as igrejas se localizavam em cada estado e em setenta e três países”, quando na França Le Cossec se tornou o protagonista do movimento pentecostal entre o povo cigano.

Isso incluiu o Brasil, que segundo o texto⁹ feito pelo pastor Guedes Maia¹⁰ em 2011, “100 anos das Assembleias de Deus no Brasil”, começou com os suecos Louis Francescon, Daniel Berg e Gunnar Vingren, que visitaram o movimento de avivamento da “Rua Azuza” e receberam uma revelação de Deus sobre o Pará.

⁸ KLAUDE KENDRICK, 1961, p. 95 apud GROMACKI, 1980, p. 49-50.

⁹ Texto do site da Igreja Assembleia de Deus de Vila Nova em Campinas (SP), disponível em: <http://assembleia.org.br/100-anos-das-assembleias-de-deus-no-brasil/> (Acesso em: 23 de outubro de 2018)

¹⁰ Pastor da Igreja Assembleia de Deus de Vila Nova em Campinas (SP), Ministério Belém, fundada em 1931.

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

Entendendo ser um chamado, chegaram a Belém-PA em novembro de 2010 e em junho de 2011 fundaram a Igreja Missão da Fé Apostólica, registrada mais tarde, em janeiro de 1918, como Igreja Assembleia de Deus, nome que traz até hoje.

Sua pregação parece ter dado certo desde o começo: dez anos depois do desembarque dos pioneiros evangelizadores em Santo Antônio da Platina, os pentecostais já haviam erguido cinquenta templos em solo brasileiro. A semente caiu em solo fértil. Os templos eram 267, em 1930; 912, em 1940; 1.929, em 1950; 4.583, em 1960; e 11.118 em 1970. Hoje, há 26.000 templos no país, mais de 1.000 deles em São Paulo¹¹.

A diferença do pentecostalismo para as igrejas tradicionais, além da forma visível do fervor em buscar a Deus e o movimento incansável para levar a mensagem da Bíblia para todas as partes da terra, se mostra também na interpretação dos “dons do Espírito”, no “comportamento” do seguidor e no tipo de “liderança”, conforme Sayão (1999):

- 1) A ênfase na experiência do batismo do Espírito Santo (ou promessa), acompanhado de falar em línguas.
- 2) A valorização dos dons da palavra. As línguas, profecias e pregação são muito importantes e não há tanta ênfase em curas, milagres e exorcismo.
- 3) As restrições comportamentais são severas, especialmente quanto à vestimenta, aos hábitos sociais e ao cabelo das mulheres.
- 4) Em oposição à liderança mais culta do protestantismo clássico, agora os líderes são escolhidos em função de seus carismas pessoais.
- 5) Há uma forte tendência de uma liderança centralizada.
- 6) As igrejas quase que exclusivamente conseguiram convertidos das classes sociais inferiores.

O movimento pentecostal iniciado na França por Clemente Le Cossec, também chegou ao Brasil alcançando os ciganos *Rom* de Campinas, onde é encontrada a maior concentração do país dessa etnia com 400 famílias. A informação de 2007 é que 900 pessoas frequentavam a primeira igreja cigana do Brasil que foi fundada em 1987 com o nome: Igreja Evangélica Pentecostal Comunidade Cigana. “Um relatório publicado pela Igreja Central Cigana, localizada

¹¹ Texto disponível em: <https://www.portalpdom.com.br/o-avanco-dos-crentes-revista-veja-de-1981/> (Acesso em: 23 de outubro de 2018)

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

na França e responsável pelos templos evangélicos dos ciganos brasileiros, informou que existem mais de 1.900 ciganos convertidos a Cristo no Brasil”¹².

Entre os *Calon*, que é o maior¹³ grupo cigano no Brasil, esse movimento tem chegado com mais intensidade nos últimos 10 anos.

2.3 PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE

Através da Comunidade Cigana de Itapevi, passaremos a conversar sobre o efeito identitário do pentecostalismo a partir da alteridade do grupo e através das pesquisas de alguns autores sobre o ciganismo. Farei uma análise entre identidade e religião, procurando entender dentro dos processos de construção identitária, o papel do fator externo pentecostalismo.

Há reação por parte da Antropologia, pois segundo Lidório (2011) “as mudanças advindas de encontros de culturas em contextos que envolvem a religião se torna o centro das atenções e do juízo”. Certa “preocupação” é inerente às diversas situações onde “a autonomia e a liberdade” não são consideradas, mas impostas, conforme o modelo da “catequese” histórica no Brasil:

As proteções (especialmente aos grupos minoritários) contrárias às mudanças, governamentais ou privadas, quase sempre deságuam num efeito de tutela impositiva. Liberdade social limitada, portanto, não é liberdade, mas dominação. Toda sociedade deve ter liberdade de reflexão e autonomia de decisão. (Ibid, p. 39).

Porém, a academia deve se preocupar em não ser acometida do mesmo engano. Antropologia deve estar aberta para observar os processos de atualização histórica e fazer “novas antropologias”:

Não faltam estudos sobre um fenômeno que parece desconcertar ciganos e ‘payos’, termo que os ciganos designam àqueles que não pertencem ao seu grupo étnico. Ambos consideram o pentecostalismo cigano como um movimento alheio à ‘verdadeira identidade’ cigana, etnicamente devastador,

¹² Texto disponível em: <http://etnigiana.blogspot.com/2007/12/ciganos-evangelicos.html>. (Acesso em: 23 de outubro de 2018).

¹³ Nenhuma estatística sobre ciganos é exata (TEIXEIRA, 2008, p. 13) e algumas se encontram desatualizadas, porém dá para ter uma ideia da situação geral nesse texto de 2007 que fala de 16 mil ciganos *Rom* e 330 mil ciganos *Calon*. Fonte: <http://etnigiana.blogspot.com/2007/12/ciganos-evangelicos.html>. (Acesso em: 23 de outubro de 2018).

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

exógeno, alheio às tradições e sintoma de uma crise irreversível dos costumes ciganos. Tais diagnósticos se devem a concepções mais ou menos românticas, reforçadora da identidade, que fabricam uma ideia de 'cigano' resistente aos processos de transformação que estão modificando as coisas. Porque os ciganos estão fazendo seu um movimento sócio religioso – o pentecostalismo (...). (CANTÓN DELGADO, 2001, p. 60).

2.3.1 Grupo do Jordão: Um Pouco da História

O “Grupo do Jordão” é uma pequena comunidade cigana *Calon* atualmente conhecida como “Comunidade Cigana de Itapevi”. Recebeu naturalmente esse nome por já estar estabelecida na cidade de Itapevi, SP, há 25 anos, sendo o único grupo cigano ali.

Tendo vida itinerante antes disso, vem por gerações seguindo os padrões de conduta transmitidos sempre pelos mais velhos. Se declarando originário de Minas Gerais, acampou “aqui e acolá” usando cavalos e/ou mulas para o transporte e barracas como moradia. Já percorreu vários estados brasileiros, chegando a São Paulo em 1985, em situação bem precária.

Em São Paulo, também andando “aqui e acolá”, estabeleceu-se no bairro do Cardoso, ao lado da linha do trem, em Itapevi (43 km a oeste de São Paulo) por volta de 1993, 100% do grupo vivendo em barracas. Doze anos depois, tendo a prefeitura solicitado o terreno, foi-lhe cedido também pela prefeitura outro terreno.

Na verdade, era um brejo no fim de uma rua, entre a linha do trem (*Linha 8–Diamante da CPTM*) e o rio Barueri Mirim, no bairro Jardim Vitápolis, onde até três anos atrás sofreu com vários alagamentos, que segundo um morador do bairro, a água chegou à altura de uma pessoa.

Hoje, estabelecido nesse terreno, das vinte famílias que fazem parte do grupo, apenas quatro ainda vivem em barracas. Esse fato de estarem estabelecidos num só lugar os caracteriza como sedentários e não mais itinerantes como antes. Isso aconteceu principalmente devido ao sucesso nos negócios, conforme essa fala do líder do acampamento sobre a chegada do grupo em São Paulo:

Em 1985 cheguei em São Paulo, não conhecia nada. A gente foi para debaixo da ponte Dom Pedro. A gente não tinha nem barraca pra armar, mas aí a gente conseguiu umas coisinha aqui em São Paulo estamos aí na luta. (G., 61 anos).

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

Tendo sido um grupo cigano de gerações e tendo preservadas todas as características típicas até o estabelecimento em Itapevi, vem desde então passando por diversos processos de atualização histórica, incluindo a chegada do cristianismo pentecostal em seu meio.

2.3.2 Chegada do Pentecostalismo na Comunidade Cigana *Calon* de Itapevi

Diferente do que muitos pensam, o cigano em geral não tem uma religião e normalmente adota a religião do país onde vive. (CAMPOS, 1999 apud SHIMURA, 2014, p. 65). No caso dos ciganos brasileiros, que já vieram de Portugal e chegaram ao Brasil colônia, o catolicismo tem sido a religião adotada.

Normalmente possuem diversas “imagens” e quadros de vários santos e entidades espirituais enfatizando muito “Nossa Senhora Aparecida”, “divindade esta que está ‘do lado dos ciganos’ que os protege particularmente e os trata de maneira especial”. De uma visita recente em outra comunidade cigana, G. (61 anos) conta: “Cê chegava nas porta das barraca dos cigano, as Nossa Senhora desse tamanho (apontando na cintura dele), cada barraca tem uma”.

São fatores externos “empoderados” e “ciganizados” por eles (SHIMURA, 2014, p. 76). Pode-se ver isso também através da missa. Segundo eles cigano não frequenta a missa, mas vive sua forma católica, ciganizada.

Mas nem santo adora pra falar a verdade pra você. Cigano só lembra de um santo, duma imagem, só lembra quando vai fazer uma promessa, tá precisando de alguma. (...) Alguma barganha, alguma enfermidade, alguma coisa assim. Tem alguém da família com enfermidade, eles lembram do santo. Daí faz promessa (...) Nem eu nem o pai, nós nunca viu um cigano fiel à igreja católica. (P., 31 anos).

O grupo de Itapevi foi assim também por muitos anos. Porém, a esposa do líder ficou muito doente e entendendo que precisava “desenvolver”, frequentou por cinco anos um terreiro de umbanda. Depois por mais cinco anos, trouxe a religião para dentro do acampamento, sendo ela mesma a “cuidadora” das entidades e responsável pelos rituais exigidos.

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

Montou uma tenda só para os “trabalhos” e atendia as pessoas de dentro e de fora do acampamento. Nesse período também organizava no acampamento a festa de Santa Sara *Kali*, com muita devoção, dança, comida e bebida, atraindo ciganos de outros grupos e não ciganos.

Certo dia, com pessoas aguardando início dos trabalhos, ela veio pronta para receber as entidades daquele dia, só que por mais que ela tentasse, não acontecia a “incorporação”. Bem em frente ao barracão, havia uma pequena igreja evangélica que estava num dia festivo, indo a sua programação até mais tarde com muitos cânticos de louvor e orações.

Ela sentiu que ali havia um poder maior que o dessas entidades que servia por anos e se havia algo maior, é esse algo que ela queria. Largou tudo e todos ali e foi para casa. Começou a visitar umas igrejas no bairro e nesse tempo foi visitar os pais no interior.

Seu pai, que sempre foi evangélico, a convidou para ir à igreja com eles. Nesse dia ela se “converteu”. Voltou começou a ir numa Igreja Assembleia de Deus do seu bairro. Só que o fato dela ir à igreja e parar de fazer as festas de Santa Sara *Kali*, desagradou muito seu marido, o chefe do acampamento.

Ele a mandou embora, só que ela pediu se poderia ficar mais três dias. Ele deixou, mas estava muito bravo. Ela na verdade queria orar a Deus pedindo que essa situação mudasse. No segundo e terceiro dia receberam a visita de três ciganos cristãos que chegaram para conhecer o acampamento.

No final dos três dias seu marido estava calmo, não tocou mais no assunto e voltaram a viver bem como antes. Passados uns meses, ele mesmo, através de uma música que cantava já há uns 15 anos, também se “converteu”.

A conversão tem poder de mudar a forma de pensar e agir de uma pessoa? Sim, o indivíduo após passar pela experiência de conversão terá seus pensamentos, crenças e ações norteados pelos valores e livros sagrados daquela religião a qual se converteu. A conversão envolve uma mudança da mente, coração e vontade, é uma completa rendição do ser a Deus, uma mudança no pensamento, na fala e comportamento, incluindo aí mudança dos hábitos. (NASCIMENTO, 2010, p. 2).

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

Devido ao sistema patriarcal e de parentesco, além da música¹⁴ que novamente foi um instrumento, outros também vivenciaram a mesma experiência através da pequena igreja Assembleia de Deus do bairro, porém o pastor que os acompanhou no começo, veio a falecer.

Trocaram de obreiro e o outro quando chegou já começou a questionar, falar um monte de asneira, tinha que deixar até de ser cigano, porque cigano não pode ser crente. No começo sofremos muito preconceito. (...) A gente tinha uma garagem aqui. Vamos levantar uma parede aqui e colocar umas cadeiras e vamos adorar a Deus aqui dentro. (...) Mas aí a gente chamou um pastor que estava parado sem Ministério, pra estar com a gente, que também é do Ipiranga, assembleiano. (...) Ele veio e já repreendeu o P. no primeiro culto porque o P. tava com uma camisa de manga longa social, mas não estava de gravata (...) Eu disse: Ó pastor, eu gosto muito do senhor, sei é um homem de Deus, mas eu chamei o senhor para nos ajudar com a Bíblia, não é com o costume, com a doutrina com coisa do homem não. (S., 49 anos).

O nome da igreja ficou “Assembleia de Deus Comunidade Cigana”. Hoje não estão vinculados a uma denominação, pois entenderam que não deveriam mudar algo da cultura sem fundamento bíblico. Autodenominam-se cristãos sem querer muito se identificar com algumas práticas de igrejas que usam a terminologia pentecostal:

Cigano é um povo alegre! Nós vimos muita coisa errada nas igreja que nós não gostamos. (...) Pediam muito dinheiro, fazendo campanha da maldição, campanha da benção. (...) Lá na Bíblia não tem isto! Então por que vou fazer coisa fora da Bíblia? Louvor é diferente, mais caipirado. É o seguinte, a gente fica meio desconfiado a gente até acredita nisso aí (sobre os dons do Espírito), mas como tem muito falso, a gente fica meio em dúvida. Nós leva o jeito da Bíblia. A gente não é o cara, o cara chama Jesus. Onde a Bíblia manda ir nós vai, quando a Bíblia cala, nós fica quieto também. Nós só fala de Deus, só fala de salvação, de amor, de arrependimento, não tem heresia. Nós não prega dinheiro, não prega casa, não prega ouro, não prega carro, não prega nada disso. Nós não fala isso no púlpito da igreja não. Nós lê a Bíblia e fala de Deus e o que Jesus fez. (G., 61 anos).

Seus cultos são alegres. Alguns se ajoelham para orar antes de iniciar o culto e as orações feitas durante o culto são acompanhadas em voz alta com “aleluias” e exclamações outras de exaltação a Deus. Há muitas músicas tanto congregacionais como em duetos, trios, etc. Tem momento de testemunho e da pregação da Bíblia. O ritmo das músicas, como falou G., são “caipirados”.

¹⁴ A música, o cantar e o tocar instrumentos (sem “estudo”) sempre estiveram na história do grupo. Eles têm um CD gravado.

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

Essas são características do pentecostalismo que passou não só pela ciganidade, mas também pelos ensinamentos da Bíblia, considerados por eles o mais importante. Das vinte famílias, apenas oito não professaram a “fé”, mas em momento religioso algum que o acampamento viveu, colocaram barreiras uns para os outros.

Para alcançar os objetivos dessa pesquisa, descreverei, através das informações adquiridas, as características do grupo e os efeitos causados pelo pentecostalismo, que chegou há seis anos. Shimura aborda quatro elementos básicos da ciganidade, que utilizarei: identidade étnica, idioma, parentesco e coletividade.

2.3.3 Identidade Étnica

Interessante perceber que a identidade de um povo é sempre difícil de ser explicada por ele mesmo na ausência de um comparativo. Quando perguntamos aos *Calon*, “o que é ser *Calon*?”, para eles “são o que são”: gente, homem, ser humano.

Como diz Ferrari (2010), “fala-se do que é *calonidade* por meio de contrastes e resistências”. Os *Calon* tem muita dificuldade de descrever sua identidade se não for pela comparação com outras sociedades:

Eu: O que é ser *Calon* pra vocês?
I.: Na realidade a palavra *Calon* é cigano (no Chibi).
Eu: O que é ser cigano pra vocês? Por que vocês são ciganos e nós não?
Quais as características?
I.: Na realidade é assim... O que é ser cigano, é impossível falar para você!
P.: É difícil definir em uma palavra, é difícil? (risos)
I.: O que é ser cigano, eu posso comparar para você o que é cigano e o que não é!
(Risos de todos)
Eu: Vou fazer uma coisa primeiro. Como é ser cigano?
I.: Como é ser cigano?
Eu: Fica mais próximo um pouco?
I.: Vamo lá, vamo ter o entendimento aqui, não existe como é ser cigano, existe como ser cigano pra vocês, que não é cigano pra nós não.
P.: Nós já nasceu assim, ó!

Os grupos ciganos na sua pluralidade cultural, como já vimos com Moonen (2011), diferem uns dos outros em suas variadas características da ciganidade que comprova seu pertencimento étnico.

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

Há características comuns a todos, e todos se autodenominam ciganos, porém é através de sinais diacríticos do “ser cigano” de cada grupo que podem ser percebidas essas diferenças. Segundo os ciganos de Itapevi, os *Kalderash*¹⁵, a quem chamam de “tacheiros”, diz P. (31 anos): “É tudo cigano! Muda um pouco o falar da língua (Chibi), forma de ganhar dinheiro muda um pouco, eles são minoria, eles não vivem muito em grupo igual nós, eles moram em casa, não moram em barraca. Eles têm estudos, a maioria é formada”.

Entre os próprios *Calon*, encontram-se sinais diacríticos fortíssimos quanto à etnicidade e Shimura (2017) sugere dois grandes segmentos:

1) Étnico-racial, que são os que consideram-se ciganos “puros” ou “autênticos” valorizando o parentesco através da consanguinidade. Eles são endogâmicos, priorizando os casamentos entre eles. Como exemplo, Shimura cita o grupo *Calon* itinerante “Jair Alves”, conhecido também como “Povo do Biraco”, que foi o grupo da sua pesquisa.

2) Étnico-social, onde se enquadra o grupo de Itapevi que tem um forte sistema patriarcal, onde os filhos homens nunca abandonam seus pais, mantendo assim, através do parentesco com casamentos endogâmicos e exogâmicos (somente os homens), a *Calonidade* do grupo. Não dão valor para a consanguinidade, mas para o “enquadramento” na ciganidade do grupo. “A ‘*Calonidade*’ não configura uma lista de atributos, mas um processo de ‘fazer-se’, um modo de agir ‘em construção’, continuamente reinventado e incompleto, por definição.” (FERRARI, 2010, p.19).

Seguem algumas características destacadas pelo líder do acampamento quando perguntei por que ele era um cigano *Calon*:

G.: Eu já nasci assim, né? Com esse jeitão assim, meio brutão mesmo. Na minha época era assim, muito machista. (...) Faz parte do cigano ser machista. (...) Ele pode estar vestido de roupa assim (aponta sua vestimenta), porque cigano antigamente, usava muita roupa pintada, camisona manga comprida, hoje cigano também abandonou um pouco isso, mamemos assim, se você olhá pra cara de um cigano de verdade, cê separa ele dos otro. Cê consegue fazer a diferença, entendeu? É só você falá com ele, cê vai vê o jeitão dele falá, é um jeitão diferente, um jeitão assim, cê vê que ele não tem estudo e ele tem palavra, ele fala positivo, não

¹⁵ *Kalderash* = caldeiros – Esse nome derivou da antiga profissão do grupo na Romênia. (MOONEN, 2011, p. 13). No Brasil, além de outras mercadorias, fabricam tachos de cobre e vendem.

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

enrola pra falá. (...) Hoje eu falo, eu sou homem sem falá! Eu sei que eu sou homem! (G., 61 anos).

2.3.4 Idioma

O Chibi é a língua do cigano *Calon*. É proibido o ensinamento dela para *Gajon* – palavra usada para o não cigano – sendo usada somente entre ciganos. Perguntei qual a importância e quando usam o Chibi:

A importância é que nós negociava muito com a mentira. Se a gente pudesse botá a pessoa pelada, nós botava. No negócio, né? Não roubando na mão grande, no rolo, mas hoje a gente não faz mais. A chibi antigamente era mais uma necessidade mesmo, era nossa proteção para alertar o acampamento. 90% era a língua, hoje não! Porque hoje a gente fica até acanhado porque a gente só tem amigo aqui. (...) Antigamente nós tinha necessidade de esconder. Mas hoje nós não tem necessidade e nós negocea com verdade. (...) Só parou com nós aqui porque nós estamos aqui há 27 anos, mas nós sabe toda língua. (G., 61 anos).

I. (34 anos) completa a fala do tio: E serve também para mostrar que nós somos ciganos. (...) Se você chegar em qualquer acampamento de cigano você vai ser conhecido pela língua; se você não sabe falar infelizmente você não é cigano”. Disse também que se eles chegarem em qualquer acampamento cigano de qualquer parte do mundo e falarem a língua, serão recebidos de braços abertos. Afirma que a “identidade” deles é falar a língua. Perguntei se a religião que adotaram mudou a cultura deles:

Se for ver é ao contrário. O evangelho ele nos faz tomar consciência de que a nossa cultura é importante e se possível preservar ela, entendeu? Antes do Evangelho eu estava pouco se ligando pro Chibi. (...) Eu tenho muita vontade de fazer um projeto para ensinar o Chibi para as crianças. Se elas vão usar, de que forma vão usar, se não vai, problema delas. Mas o nosso papel, nossa geração é passar para elas. Depois vão falar: Ah, nossos pais não ensinou pra nós é por isso que nós não sabe. Posso ensinar, se eles vão ensinar para os filhos deles, se não vão ensinar. (P., 31 anos).

Devido à vida itinerante e por casarem cedo, P. (31 anos) e I. (34 anos) são dois de muitos ciganos que não tiveram oportunidade de estudar. Depois que se converteram sentiram essa necessidade e se matricularam no CEEJA - Centro Estadual Educacional de Jovens e Adultos em São Paulo - onde cursam o primeiro

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

ano do ensino médio. A Revista VEJA¹⁶ tem uma reportagem com eles. Contaram que quando falam que têm uma língua própria, isso muda tudo. Valorizam eles, traz essa identidade, enriquece. Disseram que o professor de história quer ir ao acampamento.

O único acampamento que assim, é só o nosso agora, é o único. Muitas poucas pessoas aqui exerce essa função de casar novo. No nosso acampamento não casa novo mais, porque cigano, 99% de cigano *Calon*, são analfabetos, não estuda, tá? (...) Nós temos uma visão diferenciada Hoje nós estamos acompanhando o que a globalização, como vai mudando o mundo. Estamos acompanhado. (I., 34 anos).

2.3.5 Parentesco

É muito forte o sistema de patriarcal de parentesco e essencial para conservar a existência do grupo. Eles possuem regras claras e inquestionáveis em seu meio:

Em primeiro lugar, o cigano tem mais amor à família que o não cigano. Por quê? Eu falo e dou o exemplo: eu tenho um filho, se ele casar com uma menina, ele não separa de mim, agora o de vocês separa, quer dizer, então já é diferente. Meu filho não sai fora de mim, não vai morar em outro lugar, não vai morar sozinho, só se eu morrer. Filho homem não se afasta do pai. (I., 34 anos).

Não, nunca passou, por que a gente é criado junto, todo junto até o final, entendeu? Até os últimos dias. (Sobre colocar um idoso no asilo.) Se um faltar, mas o que aconteceu com outro lá? Nós já fica lá, já acha falta, porque não tem um pai, um tio. Todos nós somos um ligado, né? (J., 31).

Meu esposo está aí com 61 anos, o outro cunhado, o outro, o outro, os paizinhos deles morreram aqui, só saiu deles depois que morreu todos os dois. Agora os filhos tai, envelhecendo junto. Uma irmã já morreu aqui, foi eles que enterrou, os outros estão aqui só esperando o tempo de Deus e o filhos com eles, vai seguir do mesmo jeito e é esses os costume aqui dentro. Não é um lá outro cá, um num acampamento, outro no outro, um num bairro, não. Família é família tem que estar junto. Pau para toda obra! (...) Isso faz parte da cultura a gente preservar a nossa família a nossa parentela junto com a gente. (S., 49 anos).

Sobre casamento, os homens podem casar tanto com mulheres ciganas como com não ciganas. Já com as moças é diferente, pois elas só podem casar com ciganos. Há uns anos atrás, os pais que escolhiam os casamentos para os filhos, mas agora os filhos podem escolher a pessoa, podem também dizer sim ou não,

¹⁶ Disponível em: <https://www.portaapadom.com.br/o-avanco-dos-crentes-revista-veja-de-1981/>

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

caso os pais escolham e também escolher não casar. Sobre o casamento das moças é assim:

O pai da moça fica de olho no rapaz do interesse deles que segundo a opinião deles vai ser o melhor pra filha e os pais do rapaz também fica de olho numa moça pra poder logo que o rapaz tiver no porte de casar, ele pedi ela em casamento. Então os pai pede pros pais da moça. (S., 49 anos).

2.3.6 Coletividade

O sentimento de coletividade começa desde bem cedo na vida do cigano, pois as crianças nascem e crescem no acampamento como uma só família e P., (31 anos) explica que as crianças do acampamento são todas unidas: “A gente tem que brigar para elas saírem da barraca do outro. Se a minha criança está na casa de qualquer um aqui, tá na família”.

Nós criemo junto. Nós nunca se separemo. Eu, ele (J.), o P. e o D., nunca se separamo. Isso é muito bom! Não considero ele como primo, para mim é meus irmãos. Eu não me vejo assim fora deles. Eu não consigo sair desse acampamento e morar numa casa e deixá eles aqui, eu não consigo. (I., 34 anos).

Porém, há uma percepção por parte dos mais velhos de que as coisas mudaram em comparação com o passado, quando eram ciganos itinerantes.

Sempre mais unido, sempre mais junto, a gente não andava sozinho. Nós chegava a falá que nós era igual polícia. Onde tava um cigano, tava muito. Sempre a polícia quando parava nós, uns tempos atrás: Mas por que vocês tão muito, num carro? E hoje não. (...) Se arrumasse um frango pra comê, todo mundo comia junto.

Eu acho uma coisa errada, né? Mas os problema da vida que a gente conseguiu mais algumas coisinhas, né? Pra gente vivê melhor. E não é rico, mas nós véve melhor. Pelo menos um carrinho pra andar, comida na mesa, não farta! Então, e a gente tem mais as coisinhas para cuidar e cada um fica cuidando do seu interesse. Aí cabou desunindo nós muito um do outro. A nossa unidade acabou um pouco. (G., 61 anos).

2.3.7 Efeito do pentecostalismo em outras Áreas da Vida do Grupo

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

Além das quatro características da identidade do grupo de Itapevi já vistas, outras variadas formas “de ser” também manifestam a ciganidade do grupo.

Perguntei sobre outros efeitos do pentecostalismo na comunidade:

E o evangelho ajudou, ajudou a quem converteu e ajudou aquele que não converteu ainda também. Através de nós eles vão seguindo o mesmo ritmo entendeu? Meu irmão ali ele bebia muito. (...) Eu também bebia, eu bebia menos de que ele, mas depois do evangelho já tem 4 anos que ele não bebe. Ele não converteu. (...) Ele era brigão igual eu, eu me converti, eu me converti ele também parou de brigar e muita gente aí parou de beber, parou de fumar através do evangelho, mesmo sem converter. (G., 61 anos).

S. (49 anos) comenta que tirando a roupa das mulheres e a leitura da mão, a única coisa que as pessoas não ciganas veem como cultura do cigano, na verdade não é cultura. Eles veem as festas, as danças, as bebedeiras e as “comilanças”.

As dança cigana, trazer para o cristianismo do jeito que tá, é pecado, não tem como, porque é uma dança sensual, a gente sabia que era uma dança que invocava entidade, cê dançava ligada num outro plano. (...) Então a gente sabe que não tinha nada há ver, que não pode misturar uma coisa com a outra. É uma dança espiritual. Quando a gente faz as festa, ninguém, quem não entende não vai sacar que é uma dança do espiritismo porque tudo é assim: a cigana é muito bonita, muito arrumada, perfumada, cheias de joia, comes e bebe, todo mundo dançando, divertindo, mas tem todo um ritual por trás daquilo. Não tem porque continuar, a gente sabe que é pecado e tinha que sair fora. Esse lado da cultura teve que sair. Na verdade não é uma cultura, é uma religião. A etnia *Calon* em si, as danças deles mais é sertanejo, um arrastapé, um forró. As veste não perdeu, os homens também não perdeu as vestes. Joia, brinco, a cigana adora, anel-pulseira, nunca o evangelho tirou isso delas, porque a gente nunca falou que isso é pecado. (S., 49 anos).

Sobre leitura da mão, além de ajudar nas finanças da casa, faz parte do “ser cigana” tanto quanto o uso das roupas. Mesmo sem necessidade financeira, elas saem para ler a mão das pessoas. Uma cigana que não sai para ler mão não é bem vista no grupo. Porém o grupo convertido de Itapevi entendeu que não devia fazer mais.

Algumas outras características dos ciganos em geral e que também eram desse grupo, mudaram. Algumas delas são: andarem armados, brigas, bebedeiras de homens e mulheres, separações matrimoniais, bater nas esposas e a forma de usar a música. Como já vimos, além dessas mudanças, está havendo restauração de alguns aspectos da cultura. Termina com a frase que a esposa do líder me disse

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

ao refletir sobre essas mudanças que aconteceram no acampamento: “A cultura ficou mais rica”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a história das “andanças” dos ciganos na Europa e no Brasil, possibilitou-me um maior entendimento sobre a resistência desse povo em manter sua cultura até hoje em meio a constantes conflitos.

Da mesma forma, o conhecer um pouco da história do movimento pentecostal entre os ciganos da França, Espanha e Portugal me ajudou a ter maior clareza para trabalhar com a análise do movimento religioso pentecostal ocorrido na comunidade cigana *Calon* de Itapevi a fim de verificar o efeito causado em sua identidade como grupo e enquanto “etnia” com características sociais e culturais dentro de outro contexto social e cultural.

Um pressuposto com o qual eu trabalhava era de que o pentecostalismo poderia ser um fator causador de transformação da cultura cigana local que provocasse perdas em sua identidade, porém a pesquisa mostra que os ciganos convertidos adquiriram conceitos da religião que colaboraram para uma visão mais clara do valor da ciganidade para o grupo e enquanto indivíduos.

Um segundo pressuposto consideraria o pentecostalismo como instrumento de enriquecimento cultural e fator para uma melhor aceitação na sociedade ampla. Acima do imaginado, a conversão de várias pessoas do grupo, começando pelos líderes, e uma rápida vivência dos conceitos bíblicos logo transpareceu interna, para os da própria comunidade e externamente, na comunidade envolvente, cooperando para a valorização da cultura cigana e para uma melhor convivência.

Devido à vida sedentária, fatores como escolaridade, novo padrão social e modernidade, já vinham sendo causadores de um rápido processo de atualização histórica antes da chegada do pentecostalismo. Os mais jovens do grupo estavam frequentemente envolvidos com os *Gajon*, deixando de dar a importância devida a alguns aspectos importantes de sua própria cultura. A chegada do pentecostalismo cooperou para que houvesse uma reflexão sobre a *Calonidade*, que resultou em algumas mudanças conforme vimos relatadas por eles mesmos.

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

O terceiro pressuposto imaginou que pelo fato de duas fontes “causadoras” de estigma se fundirem, pentecostalismo e “ciganismo”, essa comunidade cigana passaria a ser mais discriminada e isolada da sociedade. Só que conversando com seis vizinhos próximos, que viviam no bairro antes deles chegarem, três deles declararam que se apavoraram a ponto de fazerem um abaixo-assinado e outras tentativas para que “os ciganos” não morassem ali. Outros já os conheciam quando moravam no outro lugar em Itapevi e já não tinham uma visão estigmatizada deles.

Porém agora, passados treze anos, as seis pessoas falaram que “os ciganos são gente de respeito” e um deles até falou que se eles forem embora, farão falta. Quando o pentecostalismo chegou, o estigma por serem ciganos já não existia e o fato de se tornarem religiosos também não causou nenhuma reação negativa para com eles, pois por morarem em um bairro de periferia, as pessoas estão acostumadas com igrejas pentecostais. Três desses vizinhos falaram que depois que se tornaram religiosos, tudo ficou mais tranquilo, pois as festas, bebedeiras e brigas acabaram.

Fazendo a comparação do antes e do depois, nota-se claramente que o evangelho dos pentecostais chegou para “tirar o que é ruim”, como eles mesmos falaram e os vizinhos testemunharam. Como diz P. (31 anos) sobre a valorização da língua, do parentesco, da coletividade e outros aspectos da cultura: “Essas coisas que a gente admira da nossa cultura do passado, nós passou a admirar porque nós conheceu o Evangelho e viu que era uma coisa boa. Se nós não tivesse convertido, nem aí”.

Encontrei a Comunidade Cigana de Itapevi orgulhosa da sua *calonidade* e desejosa de, sem os dogmas impostos por religiosidade, continuar vivenciando esse “pentecostalismo ciganizado”.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Husitec, 1993.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada**. Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 100-115, set/nov 2005.

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO

Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura

CANTÓN DELGADO, Manuela. **Gitanos protestantes. El movimiento religioso de las Iglesias 'Filadelfia' en Andalucía, España.** Alteridades, 11 (22): 59-74. , 2001.

FERRARI, Florencia. **O Mundo Passa: Uma etnografia dos *Calon* e suas relações com o brasileiros.** 2010. 380f. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

LARAIA, Roque Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LLERA BLANES, Ruy. **Contacto, conhecimento e conflito: dinâmicas culturais e sociais num movimento evangélico cigano na Península Ibérica.** Etnográfica, vol. 11, 2007, 29-54.

MONTE, Constantino Ferreira. **Os ciganos pentecostais movimento vigoroso.** Monte Esperança, Fanhões, 2004.
<https://www.haja-luz.net/wp-content/uploads/2007/11/ciganos-pentecostais.pdf>

MOONEN, Frans. **Anticiganismo: os Ciganos na Europa e no Brasil.** Recife, 2011.

SANTOS, Ana Paula. **Ciganos evangélicos portugueses: a conversão ao pentecostalismo.** Anales de Historia Contemporánea, 17 – Publicado en junio de 2001.

SAYÃO, Luiz Alberto T. **Uma avaliação sociológica do pentecostalismo e do neopentecostalismo contemporâneo.** Vox Scripturae, Volume IX Número 1, dezembro de 1999, pp. 87,88.

SHIMURA, Igor. **Ciganos, um desafio missionário esquecido pela igreja.** Londrina: Descoberta, 2014.

_____. **Duvelismo: Identidade e Pluralidade Cigana.** Londrina: Descoberta, 2014.

_____. **Ser Cigano: A identidade étnica em um acampamento *Calon* itinerante.** Londrina: Descoberta, 2017.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil.** Recife – Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

PENTECOSTALISMO & CIGANIDADE: EFEITO IDENTITÁRIO
Mara Garcia Santos; Mário Igor Shimura